Variação no uso do presente do modo subjuntivo
um estudo diacrônico

Tatiana Schwochow Pimpão (FURG)

Resumo: Sob uma abordagem discursivo-pragmática, o tratamento variável entre o presente do modo subjuntivo e o presente do modo indicativo permite a extensão da categoria da modalidade, atrelada ao modo verbal pela gramática normativa, para além dos limites da categoria morfológica. É nesse sentido que a modalidade é revista segundo orientação teórica do funcionalismo lingüístico de base givoniana. Seguindo essa proposta, a análise qualitativa de dados diacrônicos revela considerações semelhantes às verificadas em dados sincrônicos: 1) há correlação entre a modalidade *irrealis* e o emprego do subjuntivo; 2) há uma forte tendência do presente do modo subjuntivo apresentar uma maior variação em contextos de modalidade epistêmica, sendo, portanto, retido em contextos de modalidade deôntica.
Palavras-chave: subjuntivo; funcionalismo; variação

1 Introdução

Estudos realizados nas línguas românicas demonstram uma perda gradual do emprego do modo subjuntivo (Poplack, 1992; 1994; Silva-Corvalán, 1995). Diversos autores também já admitem a perda das distinções de modo, distinções essas tão preconizadas pelas gramáticas tradicionais (Cunha, 1978: 255; Cegalla, 1981: 377). Tais autores (Câmara Jr., 1977; 1985; Lyons, 1977; Palmer, 1986; Perini, 1996) assumem que os valores semântico-pragmáticos atrelados ao modo subjuntivo pela normatividade passam a ser codificados por outros mecanismos lingüísticos.

2 Hipótese

Considerando a premissa givoniana de que o subjuntivo é mais provável de aparecer sob o *irrealis* e considerando que a incerteza e a futuridade marcam esse domínio, espera-se que o traço de futuridade, por natureza incerto, retenha o presente do modo subjuntivo nos dados coletados e analisados.

3 Fundamentação Teórica

O quadro teórico, cujos princípios e premissas que fundamentam a presente análise, segue a sociolingüística de orientação laboviana e o funcionalismo lingüístico de linha givoniana.

3.1 Sociolingüística laboviana

A dicotomia saussureana entre *langue* e *parole* permeou os estudos lingüísticos durante a primeira metade do século passado. Inicialmente pelo próprio Saussure, cuja concepção de língua previa um sistema abstrato uniforme a todos os falantes. Em um segundo momento, Chomsky estuda a competência lingüística da espécie, um sistema do conhecimento de regras da língua, também abstrato, formalizado e geneticamente herdado, por oposição à performance (Labov, 1972).

Durante muito tempo a dimensão social da linguagem ficou obscurecida pela uniformidade com que a lingüística estrutural concebia o sistema lingüístico. Somente com os estudos sociolingüísticos verifica-se uma integração do fator social ao sistema, com enfoque na heterogeneidade, na diversidade, e desvinculando a correspondência estabelecida pelo estruturalismo entre homogeneidade e estrutura (Weinreich *et alli*, 1968).

A proposta laboviana de fazer lingüística mostra-se eficaz ao sistematizar em regras variáveis da gramática a heterogeneidade lingüística observada no contexto social de uma

comunidade de fala. A teoria da variação não prevê a mútua exclusão da variabilidade e da sistematicidade e introduz o conceito de variável lingüística, definida como *o elemento variável dentro do sistema controlado por uma única regra* (Weinreich *et alli*, 1968: 167).

3.2 Funcionalismo lingüístico

Ainda que haja inúmeros modelos da corrente teórica funcionalista, ainda que haja peculiaridades que distingam as diferentes versões do funcionalismo, admite-se a existência de um elo capaz de sintetizar, de caracterizar, uma teoria funcionalista da linguagem.

Para Givón (1984; 1990; 1993; 1995; 2001), todos os funcionalistas assumem o postulado da não-autonomia do sistema lingüístico, vinculando a estrutura da língua à função que desempenha no processo comunicativo. Segundo tal princípio, a língua (e a gramática) não pode ser interpretada sem referência ao eixo comunicativo: propósito do evento de fala, seus participantes e seu contexto discursivo (Nichols, 1984: 97). Sob essa concepção funcionalista, o objetivo do pesquisador é verificar como os usuários conseguem se comunicar eficientemente pela língua. Nesse sentido, o denominador comum dessa teoria é a competência comunicativa (Hymes *apud* Moura Neves, 1997: 15), descrevendo o sistema lingüístico com referência a parâmetros como cognição e comunicação, processamento mental, interação social e cultura, mudança e variação, aquisição e evolução (Givón, 1995).

O complexo multifacetado de parâmetros, revelados na gramática da comunicação, encontra antecedentes em uma perspectiva histórica, compreendendo quatro contextos, quais sejam, biológico, filosófico, antropológico e psicológico, cuja relação pode ser explicada da seguinte forma: o indivíduo, atuante em uma estrutura social e participante da organização sócio-cultural de seu grupo, passa por constantes estágios de reformulação do comportamento decorrentes de mudanças operadas em seu meio, procurando manter-se ajustado à sociedade da qual faz parte. Seguindo esse princípio evolutivo e funcional, qualquer alteração na rede organizacional de um grupo social altera, igualmente, o sistema de relações entre os membros desse grupo, superando a fase de mudança e sobrevivendo à nova ordem social (Givón, 1984).

Ancorados na estrutura social e nos pressupostos evolutivos e funcionais estão a linguagem e a cognição. O indivíduo, como participante da organização sócio-cultural de seu grupo, dispõe, para que haja interação com os demais membros, de estratégias lingüísticas emergentes no ato da comunicação. Da mesma forma que o indivíduo adapta-se a novas estruturas da sociedade, o sistema lingüístico e os processos mentais da organização discursiva são constantemente revistos a fim de corresponder às intenções comunicativas do falante e de facilitar a compreensão do ouvinte (interação entre ambiente e mente), promovendo uma comunicação eficiente (Givón, 1984; 1995; 2001).

4 Metodologia

A constituição da amostra compreende dados diacrônicos, mais especificamente alguns Autos de Gil Vicente (Autos do século XVI) e cartas pessoais (final do século XIX). A seleção dos dados partiu da identificação de contextos *irrealis* que permitem a variação entre presente do modo subjuntivo (PS) e presente do modo indicativo (PI), bem como contextos *irrealis* que favorecem exclusivamente o PS. Considerando o número pouco expressivo, os dados não receberam um tratamento estatístico, somente uma análise qualitativa. Nesse sentido, a análise e os resultados a seguir apresentados são exploratórios.

Com o propósito de confrontar tais resultados, apresento, ainda, dados sincrônicos, selecionados, coletados, quantificados e analisados a partir de entrevistas transcritas e armazenadas no Banco de Dados do Projeto VARSUL (Variação Lingüística Urbana da Região Sul do País). A estrutura sociolingüística do Banco evidencia uma estratificação dos informantes em sexo (masculino e feminino), idade (14-24, 25-50, acima de 50) e escolaridade (primário, ginásio, colegial) (cf. Pimpão, 1999).

5 Análise dos Dados

A interpretação comunicativa da modalidade envolve o contrato falante-ouvinte, especificamente nas expectativas do falante acerca das crenças do ouvinte, na crença do falante em uma dada proposição, na necessidade do falante apresentar evidências comprovadoras de uma determinada asserção, no quanto uma evidência corrobora uma asserção do falante, na probabilidade do ouvinte desafiar uma asserção e na chance do falante tolerar um desafio por parte do ouvinte. Mediante essa interação entre os participantes da atividade lingüística, percebe-se que o discurso é construído a partir das variadas atitudes que envolvem falante e ouvinte com vistas a criar e recriar o conhecimento compartilhado, pré-requisito para a transação comunicativa (Givón, 1984; 1990; 1995; 2001).

Sendo baseada pragmaticamente e, portanto, interpretada no contrato comunicativo, a modalidade *irrealis* se manifesta no discurso multi-proposicional, tratando de eventos/estados menos disponíveis ao falante, muitas vezes projetados para o futuro e de maior complexidade cognitiva (Givón, 1995; Bybee & Fleishmann, 1995), e é sob o escopo do *irrealis* que o subjuntivo é mais provável de aparecer (Givón, 1995: 124). Esse quadro prevê a correlação entre *irrealis* – futuridade – subjuntivo.

Conforme ilustram os exemplos que seguem, a expressão da futuridade pode estar assinalada por verbos (1-3), conectores adverbiais (4-5) ou ainda em um constituinte identificado contextualmente, como, por exemplo, o **se** condicional (6-7):

(1) É porque a gente já falou, né? se for mulher eu escolho, se for homem ele escolhe. **Espero** que ele **escolhe** um nome bonito, né? (FLP 06,L1635)
(2) Esse aqui, e o mais velho, por eles, eles **querem** assim que o meu marido **volte**, mas eu não quero não. (FLP 03, L0519)
(3) Sem ir na Itália. É isso, é ir e pronto. **Pedir** que Deus me **dê** saúde pra mim (pegar) o netinho grande, ainda, né? crescer, né? e ser um homem, né? (FLP 16,L1161)
(4) Mas eu tenho a impressão que isso depende muito do aumento da população **para que sensibilize** as empresas a construírem um supermercado. (FLP 21, L0962)
(5) ENT.: Um lugar?
Antes que eu **morra**, Bahia. (FLP 19,L0943)
(6) E **se** eu chegar a me aposentar, talvez seja pela idade, né? (FLP 07,L0558)
(7) Parada, **se** Deus me der vida e saúde, eu não vou ficar, né? Talvez eu não **vou** fazer marmita pra fora de casa, botar uma ajudante, assim. (FLP 16, L0575)

Os exemplos 1-3 evidenciam uma projeção de futuridade inerente à semântica dos verbos **esperar**, **querer** e **pedir**. Tais itens verbais caracterizam-se por ter sob seu escopo o evento/estado da complementação oracional, instaurando um contexto de futuridade, portanto possibilidade. Givón (1984: 269) aborda essa particularidade dos verbos ao tratar do sistema TAM, afirmando que *traços semântico-lexicais estão intimamente envolvidos na estrutura significativa dos verbos*.

Semelhante análise pode ser aplicada aos conectores adverbiais **para que** e **antes que** nos exemplos 4-5, por codificarem um traço futuro. Já nos exemplos 6-7, observa-se uma situação diferenciada: o advérbio **talvez** não tem a propriedade de projetar o evento/estado sob seu escopo para o futuro; sendo assim, resgata-se, contextualmente, outro constituinte capaz de tê-la. Nos dados apresentados, o **se** condicional, aliado ao verbo no futuro do subjuntivo, permite envolver a situação descrita em uma projeção futura.

Os próximos dados (8-10) constituem exemplares do traço atemporalidade, situando-se na fronteira *realis-irrealis*, seja por apresentar habitual, uma hipótese, uma condição acerca de um determinado evento. A localização nessa fronteira limítrofe deve-se à não-possibilidade

de prever o término do evento, pois tem início em um espaço de tempo no passado, mas não consiste em evento acabado.

(8) É, a minha diversão eram os bailes. Adorava baile. Ainda hoje adoro. Infelizmente, **talvez esteja** mais acomodado, porque, realmente, a gente vai perdendo o hábito. Mas no tempo dessa gurizada, eu não perdia um baile. (FLP 04, L0303)
(9) Mas eu **acredito** que **há** uma força superior, né? (FLP 17, L1080)
(10) Ah! Os meus amigos são muito legais. Adoro sair com eles, adoro sair pra dançar com eles à noite, **mesmo que** os meus pais não **deixam** eu sair pra dançar com eles. Eles dizem que eu sou muito nova ainda pra sair pra dançar. (FLP 05, L1386)

Os dados acima mostram ausência do traço de futuridade; depreende-se tão somente uma incerteza, mas em um eixo de tempo que liga parte do passado, presente e ainda o futuro. Em 8, o informante, por não freqüentar mais os bailes como fazia quando jovem, crê estar mais acomodado. Essa acomodação já existia, continua no momento de fala e ainda perdurará, no mínimo, por algum tempo, no futuro. No exemplo 9, o informante já tinha crença em uma força maior, antes mesmo me conceder a entrevista. O terceiro dado, (10), o entrevistado informa que seus pais proíbem sua saída para dançar, pois ainda é muito jovem. É possível, por inferência contextual, perceber que a proibição dos pais já vem acontecendo há algum tempo e que, pelo menos durante um período num futuro, mesmo que próximo, ainda continuará.

Considerando os dados reproduzidos, os resultados probabilísticos apresentados na tabela 1 abaixo exibem a adesão do presente do modo subjuntivo ao efeito de diferentes traços de tempo-modalidade. O peso relativo de .76 indica a retenção do subjuntivo sob o escopo do traço de futuridade, ratificando a premissa givoniana de associar *irrealis*, futuro e subjuntivo. Essa variante passa a competir com a variante do presente do indicativo devido à ausência do traço de futuridade nos fatores incerteza, atemporalidade e pressuposição, evidenciada pelo peso de .31 para subjuntivo.

Fatores	Apl./Total	Percentual	Probabilidade
Futuridade	106/128	83%	.76
inc./atem./pressup.	81/191	42%	.31
TOTAL	187/319	59%	

Tabela 1: Modo subjuntivo e tempo-modalidade

O domínio prototípico do *irrealis* (futuridade, portanto incerteza, codificada no item verbal) tende a preservar o presente do subjuntivo. A semântica do verbo matriz já impõe, por si só, um escopo de futuridade, o que pode ser percebido em itens verbais, tais como **querer**, **desejar**, **torcer**, **esperar**, **exigir**, **pretender**, anunciando eventos possíveis de serem realizados na tentativa do falante conseguir com que o ouvinte concretize uma determinada ação pelo falante desejada.

A variante em estudo começa a perder terreno conforme se intensifica a interação falante-ouvinte, em que os participantes do contrato comunicativo discutem a incerteza num eixo atemporal. Nessas circunstâncias, o evento/estado codificado espraia-se no tempo, iniciando no passado, atingindo o presente e sendo projetado para o futuro, aproximando o tempo da experienciação do falante e permitindo a localização de eventos mais salientes, mais facilmente acessados e de menor exigência no processamento.

A variação equilibrada entre as variantes mantém-se, já apresentando uma sutil queda no uso do subjuntivo, quando o conteúdo proposicional está sob o escopo da pressuposição, caracterizada pela tomada do conhecimento compartilhado como garantido, prévio. Nesse domínio, os eventos/estados não estão sob o escopo da futuridade, nem da atemporalidade,

mas constituem produto da interação face a face, na atribuição de conhecimento e no cancelamento de inferências, conforme exemplo que segue.

(11) Ele dorme à tarde, de manhã ele faz alguma coisa. Ele é muito parecido com o pai dele, né? gosta de cuidar do jardim, né? **Não é que** ele **seja** caprichoso, ele não é nem um pouco, mas ele gosta de estar mexendo pra cá, pra lá, assim. (FLP 04, L0659)

Na situação descrita, o informante vai construindo o perfil do filho, indicando evidências de que ele é caprichoso como, por exemplo, ao mencionar que ele gosta de cuidar do jardim. Entretanto, no decorrer do contexto conversacional, o informante anula essa inferência ao introduzir a informação não é que ele seja caprichoso, gerando uma aparente contraditoriedade. Essa aparente contraditoriedade refere-se ao propósito do falante em rejeitar a possível inferência interpretada pelo ouvinte.

Considerando a análise, vale lembrar a relação entre o modo subjuntivo, formas volitivas e o tempo futuro estabelecida por Câmara Jr. (1985: 128) acerca do latim. O latim clássico apresenta uma coloração modal para o futuro, associado à dúvida, ao desejo, à imposição da vontade. Daí o futuro no latim clássico evoluir de formas flexionais volitivas e subjuntivas. No latim vulgar, igualmente predominavam as mesmas motivações que elevaram as formas volitivas e subjuntivas a futuro no latim clássico. Ainda segundo Câmara Jr. (1978a; 1978b; 1982; 1985), o subjuntivo, no português clássico, configura-se como uma pura servidão gramatical, usado em certos tipos de frase, dependente de uma palavra que o domina.

Partindo para o *corpus* diacrônico, analisaremos, inicialmente, os Autos de Gil Vicente.

(12) Não vos anojarei mais
ainda que saiba estalar. (Auto de Inês Pereira – 1524)
(13) Falado com salvos rabos,
inda que me **tens** por vil. (Auto da Feira – 1526)
(14) E rogo-vos como amiga,
que **samicas** vós **sereis**,
que de parte me faleis,
antes que outrem vo-lo **diga**. (Auto de Inês Pereira – 1524)
(15) **Antes que** vós **deis** três vôos,
bem ajuntaremos nós
nesta serra cem vaqueiros. (Auto da Mofina Mendes – 1515)
(16) Toma este pote d'azeite
e vai-o vender à feira;
e **quiçais medrarás** tu
o qu'eu contigo não posso. (Auto da Mofina Mendes – 1515)
(17) **Crede** que o vosso fogo
vencerá o Tejo e o mar. (Auto de Inês Pereira – 1524)
(18) Esta carta que vem, d'alem,
creo que **é** de meu senhor. (Auto de Inês Pereira – 1524)
(19) **Espero** que V. S. **attenderá** a meu pedido. Já uma vez requeri a V.S. (...)
(20) Desejava também saber por que motivo era o coronel legalista Chico Pedro appellidado de Moringue e **espero** que V.S. me **esclareça** este ponto.

Uma análise qualitativa dos dados diacrônicos pode revelar uma aproximação com os resultados encontrados nos dados sincrônicos. Verifica-se uma variação entre presente do modo subjuntivo e presente do modo indicativo, conforme exemplos 12 e 13, em que se verifica um contexto de atemporalidade. Em contrapartida, se o evento está projetado para o

futuro, e sob o escopo de determinados conectores adverbiais, a presença do subjuntivo mostra mais evidente (cf. 14-15).

O interessante dos dados com o advérbio **talvez** (samicas (14) e quiçais (16)) é o uso do futuro do presente para codificar tanto atemporalidade quanto futuridade. Talvez esse tenha sido um estágio inicial para a expressiva variação entre presente do modo subjuntivo e presente do modo indicativo verificada em dados sincrônicos.

Análise semelhante ocorre com o verbo crer em 17 e 18. Em 17, o evento está projetado para o futuro, favorecendo o uso do futuro do presente; entretanto, em 18, o evento encaixado em uma porção de tempo mais espraiado condiciona o uso do presente do modo indicativo. Esse comportamento variável é observado em dados do final do XIX. Em 19, há uma maior certeza, pois há evidências de que o evento da oração subordinada tem maiores chances de ser realizado em relação ao evento expresso na cláusula subordinada do dado 20.

Em 19, o futuro está mais próximo, considerando que, como um pedido já foi uma vez aceito, há grandes possibilidades de o ser novamente. Já em 20, que trata da morte de um coronel, não há expectativa quanto à realização do evento da subordinada: um maior esclarecimento sobre o referido ponto, a morte do coronel.

6 Considerações Finais

A partir dos dados diacrônicos, percebe-se um princípio de variação entre futuro do presente e presente do modo subjuntivo para diferenciar um futuro mais próximo de um futuro mais distante, um evento com maiores evidências de realização de um evento com menores possibilidades. É provável que esse tenha sido o início da variação entre presente do modo indicativo (futuro ancorado no momento de fala e traço de evidencialidade) e presente do modo subjuntivo (futuro a partir do momento de fala e ausência de evidencialidade) verificada em dados sincrônicos.

Além disso, é possível sugerir que a resistência do subjuntivo nos contextos de futuridade pode ser explicada por motivações diacrônicas e pela subordinação sintática à semântica dos verbos da cláusula matriz, bem como a determinados conectores adverbiais, permitindo a implementação do presente do indicativo, principalmente na ausência do traço de futuridade. Estamos, portanto, de acordo com Poplack (*apud* Bybee & Fleischmann, 1995) quanto à asserção de instâncias avaliativas de uma proposição favorecem o rompimento da identificação do modo subjuntivo com a subordinação sintática.

7 Referências Bibliográficas

BYBEE, Joan & FLEISHMANN, Susanne. **Modality in grammar and discourse**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.

CAMARA JR. Joaquim Mattoso. **Princípios de lingüística geral**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

____. **Dicionário de lingüística e gramática**. Petrópolis: Vozes, 1978a.

____. **Problemas de lingüística descritiva**. Rio de Janeiro: Vozes, 1978b.

____. **Estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Vozes, 1982.

____. **História e estrutura da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.

CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima gramática da língua portuguesa**: com numerosos exercícios. São Paulo: Nacional, 1981.

CUNHA, Celso. **Gramática do português contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S. A., 1978.

GIVÓN, Talmy. **Syntax** – a functional-typological introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

____. **Syntax** - a functional-typological introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.

____. **English grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, vols. I e II, 1993.
____. **Functionalism and grammar**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1995.
____. **Syntax**: an introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, vols. I e II, 2001.
LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.
LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, vol. I, 1977.
NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
NICHOLS, Johanna. Functional theories of grammar. **Annual Review of Anthropology**, 13, 1984 (19-34).
PALMER, Frank Robert. **Mood and modality**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
PERINI, Mário. **Gramática descritiva do português**. São Paulo: Ática, 1996.
PIMPÃO, Tatiana Schwochow. **Variação no presente do modo subjuntivo**: uma abordagem discursivo-pragmática. Florianópolis: UFSC, 1999. Dissertação de Mestrado.
POPLACK, Shana. The inherent variability of the French subjunctive. In: **Current Issues in Linguistic Theory**. 74, 1992 (235-263).
____. A dinâmica sociolingüística da aparente convergência. **DELTA**, vol, 10, n° Especial, 1994 (141-172).
SILVA-CORVALÁN, Carmen. The gradual loss of mood distinctions in Los Angeles Spanish. In: **Language Variation and Change**. 6(3), 1994 (255-272).
WEINRWICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: Lehmann, W. P. & Malkiel, Y. (eds.) **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968.